

JESUS

- A PASTORAL DO SOFRIMENTO

—

Augusto Pires da Mota



Tecto de Nuvens

Prefácio

«A Pastoral do Sofrimento» é uma sequência e um complemento natural de «Teologia do Sofrimento». O título «A Pastoral do Sofrimento» justifica-se pela necessidade sentida de aprendermos a lidar com o sofrimento e ajudarmos as pessoas, a braços com esta limitação da nossa natureza.

Com este livro, tão simples, pragmático e despretensioso, procuramos encontrar, para o sofrimento, um sentido e uma resposta às interrogações, que afloram no espírito das pessoas, torturadas pela dor, pela doença ou por qualquer outra contrariedade, que lhes infernize a vida. Isto é, pretendemos transformar o sofrimento em fonte de vida espiritual e meio de santificação, evitando, desta feita que, até, possa atingir os paroxismos do desespero.

Pretende ser este livro uma vivência cristã, sem os contornos ou perspectiva de uma solução, pois o sofrimento sempre há de existir, porque é do nosso estatuto de criaturas, finitas, limitadas, contingentes e pecadoras. O sofrimento é um tema recorrente para todos os homens, está sempre na berra, pois é nossa condição e natureza.

Este livro pretende ser uma ajuda existencial, na aprendizagem da melhor estratégia para lidar com o sofrimento e, desta feita, superar a situação dolorosa, dando-lhe até um novo sentido, um sentido redentor, à luz de Cristo, que assumiu a natureza humana, com todas as suas fragilidades e limitações e, ao morrer, na cruz, serve-se do sofrimento para redimir a humanidade.

Termino citando «Salvifici Dolores» 1984, do Papa João Paulo II, obra que sustenta este livro: “Dado, pois, que o homem no decorrer da sua vida terrena, trilha, de um modo ou de outro, o caminho do sofrimento, a Igreja deveria, em todos os tempos – e talvez de um modo especial no Ano da Redenção – encontrar-se com o homem, precisamente neste caminho. A Igreja, que nasce do mistério da Redenção na Cruz de Cristo, tem o dever de procurar o encontro com o homem, de modo particular no caminho do seu sofrimento. É um tal encontro que o homem «se torna caminho da Igreja»; e este é um dos caminhos mais importantes.”

I – Aprender a lidar com o sofrimento

O homem está confrontado com a possibilidade do mal e do bem, contradição dolorosa e fonte de sofrimento.

A Sagrada Escritura confirma esta afirmação:

- O Senhor adverte os apóstolos aos quais pediu que O acompanhassem, vigilantes, na tenebrosa agonia do Jardim das Oliveiras, mas o sono foi mais forte: «O espírito está pronto, mas a carne é fraca». Temos de amparar essa debilidade, com a força da oração: «Vigiai e orai, para não cairdes em tentação.» Disse-lhes O Senhor.

«Eu não faço o bem que quero e, contraditoriamente, pratico o mal que não quero», diz S. Paulo, parafraseado por Sto. Agostinho.

Desejar o bem, que não se pode possuir causa sofrimento no ser humano, o que não acontece nos animais, porque lhes falta a consciência.

A consciência da espiritualidade humana recusa-se a aceitar a condição mortal e o sofrimento daí decorrente. A morte, somatório de todos os sofrimentos, é a suprema contradição intransponível, que abate o orgulho e reduz o homem a um punhado de pó.

Para além desta realidade bem amarga, o sofrimento continua a bater à nossa porta, a esfarelar, como lacrau invisível, mas a degradação física não retira a dignidade humana. Somos chamados a ultrapassar.

O Senhor sofre connosco e em nós, intervém a nosso favor, mesmo quando parece dormir, na barca, batida por ventos ciclónicos, no meio da tempestade, que só Ele consegue acalmar (Mc4, 35-41).

Ele prometeu estar sempre connosco (Mt., 28).

Centremos a nossa esperança n'Ele e digamos, com fé: «Amém, vem, Senhor Jesus» (Ap. 22, 20).

Somos chamados a ultrapassar, mas quem não sabe enfrentar e conviver com o sofrimento, quem não possui a fé, pelo menos, com as dimensões dum grão de mostarda, não está preparado para a superação.

Nos dias que antecederam o dilúvio, comia-se e bebia-se, os homens casavam e as mulheres davam-se em casamento (...). E não deram por nada, as pessoas estavam loucas de embriaguês da existência. (Lc. 21,34).

Antes do coronavírus, saboreávamos um saudável crescimento económico, turismo próspero, etc., depois, foi a insatisfação e a sobrevivência, o receio e a privação. Tivemos de aprender a lidar com esta nova situação.

Apesar desta realidade, apesar do sofrimento, o homem não quer morrer. A consciência da espiritualidade humana recusa-se a aceitar a condição mortal, a que o homem está sujeito, e o sofrimento daí decorrente.

VII - Deus e o homem perante o sofrimento

A nossa vida, atravessada pela doença ou outro sofrimento, pode chegar ao ponto de depender só de Deus. Nessa altura, a oração é imprescindível, mais necessária do que nunca. Deus é onnipotente, a Ele nada é impossível e a oração é a força que O vence, inclinando-O a nosso favor, por isso, chama-se à oração a onnipotência suplicante.

Giovanni Papini escreveu: «As pessoas admiram-se com a calma que revelo, no estado miserável, a que me reduziu a doença: Perdi o uso das pernas, dos braços, das mãos e estou quase cego e mudo... Basta a minha fé e intuição para manter a esperança, que se alimenta na oração e evita o desespero.»

Rezar pelos outros ou com eles é um meio excelente de os ajudar no sofrimento.

A oração é a respiração da alma, dizia Alexis Carrel. O homem tem tanta necessidade de oração, como o corpo de oxigénio.

«A oração salvou a minha vida», disse Gandhi. Chesterton escreveu: «...pedir a Deus a coragem para aceitar as coisas, que não se podem mudar e pedir a força para mudar as que estão ao nosso alcance e a sabedoria para reconhecer as outras.»

Vergados pelo sofrimento, temos sempre ao dispor a possibilidade de recorrermos ao nosso Deus, através da oração.

A oração pressupõe a fé na existência de Deus. Ora, para encontrar a Deus, não é necessário negar o mundo. O mundo é a mediação obrigatória de Deus, que emerge das coisas, pessoas e acontecimentos e é, aí, que Ele quer ser escutado, servido e amado. O mundo é o lugar teológico de adoração à divindade. «Os verdadeiros adoradores são em espírito e verdade.»

Dario Mollá classifica estes adoradores de místicos horizontais.

O teólogo Pablo Richard falou na presença de Deus, realidade exaustivamente provada e testemunhada. Interessa cultivar o discernimento, que perspetiva a sua presença, na vida de todos os dias.

Temos de procurar a Deus, onde Ele nos espera e se deixa encontrar por nós: no sofrimento, na opressão, na exclusão e não onde nós gostávamos que Ele estivesse.

Sendo assim, na linha das prioridades, não devem encontrar-se aqueles que nos possam compensar com dinheiro ou prestígio, mas aqueles que

nada têm para retribuir: os desprezados e esquecidos da sociedade, nos quais encontramos a imagem de Deus e, com os quais, Cristo se identifica: O que fizerdes ao mais pequenino é a Mim que o fazeis.».

Cristo morreu, mas ressuscitou, foi e é mais forte do que a morte. Cristo vive no meio de nós pela força da sua Encarnação e Ressurreição.

A situação de pandemia fez-nos pensar no mistério de Deus: «Onde está Deus, quando a humanidade sofre desta maneira?». Esta acusação não é recente, vem já de outros tempos, sobretudo, o século XVIII.

Deus está a nosso lado na tribulação e no sofrimento. Deus quer a vida e anima todas as formas de luta e de energia criadora, para se chegar a novas formas de cura.

Cristo está ou deve estar no centro da vida dos cristãos, como elo de união de forças, no sentido de uma luta sem tréguas a todas as manifestações do sofrimento ou do mal, onde quer que apareça, mas sem fé na Divindade do Filho de Deus, nada feito. Ele, nalgum sentido, está no nosso sofrimento, a sofrer connosco.

A Igreja é um comunidade de pessoas, que se reúnem, respondendo à iniciativa de um Deus-Amor, que veio ao nosso encontro, para nos congregar na unidade, para nos reunir e só amigos, venceremos porque «onde se reunirem as pessoas, em meu nome, Eu estarei no meio delas.».

Cristo, ao assumir a natureza humana, pela encarnação, uniu a si toda a humanidade e, na Igreja, proporciona a possibilidade de comunhão com Ele, presente no sofrimento de todos os homens.

Atormentado pela fadiga e pela sede, Jesus diz à Samaritana, junto ao poço de Jacob: «Dá-Me de beber», Jo 4,7. Na cruz, momentos antes de render o Espírito, exclama: «Tenho sede», Jo. 19, 28).

Cristo continua, em agonia, nos nossos irmãos mais pobres, mais carenciados, marginalizados, sofredores e, ontem, como hoje, repete o mesmo apelo angustiado: «Tenho sede, tenho fome, estou nu, abandonado, ferido nos sentimentos mais profundos da minha dignidade.».

Nos rostos desfigurados pela fome, consequência da injustiça social, encontramos o rosto de Jesus em agonia.

Todo o homem tem valor em si mesmo, tem um valor infinito, custámos muito caro, valem o preço equivalente ao sacrifício, paixão e morte do Filho de Deus, pela qual nos tornamos filhos do Altíssimo.

Ora «noblesse oblige», a dignidade de que andamos revestidos tem exigências sociais, que não podemos iludir. Procedamos como filhos

da luz, levando a verdade e a esperança do amor de Cristo às mansardas do sofrimento abandonado, autênticas sepulturas de mortos vivos, onde não crepita uma chama, nem entra um raio de sol. Despertemos, no horizonte dessas vidas quase desfeitas, as palpitações da estrelinha de Belém, mensageira da Redenção.

No abismo da suprema humilhação e no abatimento selado pela pedra do sepulcro, antevê-se a glória da ressurreição, que nenhuma força humana poderá impedir.

«Deus ungiu-O do Espírito Santo e de poder, a Ele, que passou fazendo o bem e curando todos os que tinham caído em poder do diabo, porque Deus estava com Ele.», Actos 10, 38.

Deus é generoso e bom, mais rico no dar do que nós no pedir. Não deixa sem recompensa um simples copo de água, dado em seu nome.

O Senhor, que passa pela terra, aliviando o sofrimento, a fazer o bem, foi recompensado pela glória da ressurreição.

Assim é a generosidade do nosso Deus, que nos enche de felicidade pelo bem que realizamos e nos dá a vida eterna.

S. Paulo agradece o auxílio dos Filipenses, num momento de grande dificuldade para o apóstolo: «Fizestes bem em tomar parte na minha aflição. O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades», Filipenses 4, 14-19.

Deus nunca se deixa vencer em generosidade. «Dum tempus habemus, operemur homum». Realizemos o bem, por todos os meios ao nosso alcance, sem aceção de pessoas, para amigos e inimigos. O que mais custa merece maior recompensa.

Nunca vos arrependais de fazer o bem, de aliviar o sofrimento dos irmãos.

Apesar de todos os contratempos e dificuldades, Cristo venceu o mundo e nós somos seus discípulos e herdeiros da sua vitória. Cristo, ontem, hoje e para sempre, estabelece o seu reinado no meio dos homens.

À luz da fé, quanto melhor compreendermos a dor humana, mais facilmente saberemos amar e seremos amados: «Eu amo os que me amam.», Prov. 8,17.

É tão pouco o que se dá e é tão grande o que se espera!... Bem aventurados os que choram e sofrem, ao verem a miséria do próximo.

Como os pastores e os Magos, ofereçamos o ouro das nossas vidas, a mirra da nossa insignificância, o incenso do nosso amor, levando aos nossos irmãos, em sofrimento, o bálsamo da Redenção de Cristo.

Perante a pobreza, urge uma verdadeira solidariedade transformadora, criando novas formas de partilha.

O sofrimento é um mal e contra ele, urge uma luta, sem tréguas, até conseguirmos a passagem do sofrimento à esperança da ressurreição.

Tudo, na nossa vida: sofrimentos, solidão, carências de toda a ordem foram assumidos por Cristo e transformados por Ele num caminho de salvação.

“Rezar a dor” desperta a nossa vocação missionária, o nosso amor, a nossa caridade.

No presépio de Belém, está o Verbo Encarnado, está uma vida nova diferente, que será entregue, por amor nos braços da cruz.

Deus não se contentou em partilhar o sofrimento da humanidade, morreu por ela e perdoou-lhe por O ter condenado e crucificado: «Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.»

Por isso, perante o sofrimento dos outros, a nossa reação não pode ser um simples encolher de ombros.

Deus é amor e a Ele nada é impossível. O amor pode tudo, para o amor, tudo é viável, tudo está ao alcance dele. «Ama e faz o que quiseres», diz Sto. Agostinho.

Nenhuma outra doutrina é capaz de dar uma resposta ao sofrimento.

Fora deste contexto, é o desamor e a falta de esperança.

«Para onde iremos, sem Ti, Senhor? Só Tu tens palavras de Vida Eterna.», diz a Bíblia. Só Deus perdoa, salva.

«Sem Mim nada podeis fazer», disse Jesus Cristo.

Podemos praticar o bem ou o mal e, no sofrimento, recorrer aos nossos irmãos, pedindo uma ajuda, mas não pedimos a nenhum homem que nos perdoe os pecados, pois só Deus tem esse poder.

No meio do sofrimento, as pessoas procuram algo, que o homem não pode dar. O homem alivia o sofrimento, mas não o tira, porque ele é da nossa condição de criaturas finitas.

Os outros homens são tão frágeis como nós e só Deus tem palavras de vida eterna, só Deus salva, liberta. No entanto, Deus serve-se de nós para continuarmos, no mundo, a Redenção. A Igreja, que somos, é o braço estendido de Deus, para nos ajudar.

Por isso, com Deus e a ajuda dos irmãos,

«Há sempre uma candeia

Dentro da própria desgraça,

Há sempre alguém que semeia

Conclusão

Deus não incentiva o sofrimento, nem se compraz com ele, porque é Pai. Sabe, como tal, que o preço da liberdade, do livre arbítrio pode resultar em sofrimento. Deus está sempre presente para aliviar, para amparar, acompanhar, para que nenhum sofrimento seja em vão.

O exemplo disso é o de Jesus, seu filho, que com a sua morte, nos libertou a todos, deu-nos a salvação. Que o nosso sofrimento, se não puder ser evitado, seja fonte de salvação e de valorização do que é bom; e que o sofrimento dos outros nos inspire para a solidariedade e para a empatia. Está muitas vezes nas nossas mãos o alívio do sofrimento dos nossos irmãos.

“Cristo ensinou o homem a fazer o bem com o sofrimento e, ao mesmo tempo, a fazer o bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento.” “E pedimos a todos os que sofreis, que nos ajudeis. Precisamente a vós, que sois fracos, pedimos que vos torneis fonte de força para a Igreja e para a humanidade.”, Papa João Paulo II; «Salvifici Dolores»

Índice

Prefácio	5
I – Aprender a viver com o sofrimento	7
II – Sentido do sofrimento e tentativas frustradas do homem	9
III – Homem atual arreligioso	15
IV – Sentido do sofrimento, à luz de Cristo	23
V - Cristo, referência e sentido	31
VI – Pobreza, forma de sofrimento	37
VII – Deus e o homem perante o sofrimento	41
VIII - Deus ajuda no sofrimento	47
IX – Solidariedade de Deus no Velho Testamento	51
X – Nós perante o sofrimento	57
XI – O sofrimento dos outros chama por nós	61
XII- O grito	65
XIII – Atenção e diálogo	77
XIV – Amor comprometido e abnegado	79
XV – Benefícios do sofrimento	81
XVI – Fecundidade missionária do sofrimento	91
Conclusão	101
Índice	103